

HEROÍNA OU ANTI-HEROÍNA? VIAGEM COM CLARICE LISPECTOR – A
MULHER QUE MATOU OS PEIXES.

Antônio Marques PEREIRA FILHO¹

UECE – FECLI

Orientador: Prof.º Dr. Everton Alencar MAIA²

Resumo

A Literatura Infanto-Juvenil tem função formadora, pois nos oferece novas concepções, com múltiplas leituras e reflexões. Pretendemos neste artigo discutir sobre o ensino de literatura infantil, fazendo uma viagem com Clarice Lispector sobre: Heroína ou Anti-heroína? Na obra *A Mulher que Matou os Peixes*. Trabalharemos na perspectiva de que Clarice tem um amor enorme pelos animais. Ainda propor indagações ao leitor, estimulando a curiosidade de novos conhecimentos e comprovar que Clarice ‘matou’ os peixes por distração. Faremos esse estudo utilizando partes da obra e a partir dos estudos de Cândido (2006 - 1972); Coelho (2000); Diniz (2003); Lajolo e Zilberman (2006). Esperamos inserir o pequeno leitor ao mundo da leitura, com propostas de melhor formação leitora.

Palavras-chave: Clarice Lispector. Heroína. Anti-heroína. Literatura e ensino. Formação Literária.

¹ Graduando em Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas – Universidade Estadual do Ceará (UECE). Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu (FECLI). Pós-Graduando em Língua Portuguesa e Literatura - Instituto de Desenvolvimento Educacional e Profissional Souza – IDEPS.
E-mail: antoniomarquespereirafilho@hotmail.com

² Poeta, contista e tradutor. Professor de Latim da Universidade Estadual do Ceará (UECE-FECLI). Doutor (UFPB) e Mestre (UFC) em Letras. Membro fundador da Academia da Incerteza. Coordenador e membro fundador do Núcleo de Latim da FECLI. Colunista do Jornal A Praça.
E-mail: evertonalencar@bol.com.br

1. Introdução

Nosso trabalho surge de um incômodo, da necessidade de discutir sobre o ensino de literatura infanto-juvenil, com o intuito de descobrir novos horizontes e novas metodologias para seu ensino, uma vez que ela tem função formadora, pois nos oferece novas concepções, com múltiplas leituras e reflexões. E para formar um forte elo entre literatura infantil e ensino, iremos utilizar como corpus a obra **A Mulher que Matou os Peixes**, de Clarice Lispector. Traçando um percurso árduo, porém muito prazeroso. Ainda discutir sobre a seguinte temática: heroína ou anti-heroína? Buscando comprovar que Clarice ‘matou’ os peixinhos por descuido e esquecimento de alimentá-los. Usando a estratégia de inserir o leitor mirim ao mundo da leitura, visando a sua formação leitora.

1.1 Clarice Lispector - vagando no mistério

Clarice Lispector, um dos grandes nomes da nossa literatura brasileira, nasceu em Tchetchelnik, na Ucrânia, a 10 de dezembro de 1925, filha de Pinkous e de Mania Lispector. Clarice com apenas dois meses de idade vem para o Brasil, fugindo da guerra civil da Rússia, desembarca no Estado de Alagoas (Maceió) e ali toda família mudou de nome, seu pai passou a se chamar Pedro, sua mãe Marieta. Uma família de origem judia. Depois se mudaram para o Recife, Pernambuco, onde Pedro pretende construir uma nova vida. Em 1928 Clarice passa a frequentar o Grupo Escolar João Barbalho, naquela cidade, ali aprende a ler e escrever. Durante sua infância a família passou por sérias crises financeiras. Clarice cursa a Faculdade Nacional de Direito, começa a ler autores estrangeiros e nacionais.

Conhece os trabalhos de Machado de Assis, Rachel de Queiroz, Eça de Queiroz, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Júlio Diniz, Dostoievski. Faz traduções de textos científicos para revistas, publicou em jornais. Com o romance “**Perto do Coração Selvagem**” recebeu o prêmio Graça Aranha.

Inicia sua carreira com o romance **Perto do Coração Selvagem** (1944), obra esta com base existencialista. Casa-se com o diplomata Mauri Gurgel Valente e passa

muitos anos fora do Brasil, vivendo em vários países da Europa ou na América do Norte. Retorna em 1959. E infelizmente morre em dezembro de 1977.

Lispector escreveu contos e romances, todos do mais alto nível criativo. “[...] ela parece querer propor-lhe uma nova aventura: a experimentação de um novo mundo que pode ser constantemente recriado pela imaginação.” Dinis (2006, p. 156). Problemática com uma linguagem incomum e de complexo significado, são as marcas de sua produção. Vejamos algumas de suas artes literárias: **O Lustre; A Cidade Sitiada; Laços de Família; A Paixão Segundo G.H**, estas consideradas de cunho literário adulto, mas escreveu também literatura para criança, como: **O Mistério do Coelho Pensante, A Vida Íntima de Laura** e a obra que estamos utilizando para a nossa pesquisa **A Mulher que Matou os Peixes** (1968). Embora, “seus livros para criança ainda esperam uma leitura crítica”, afirma Olga de Sá (1979, p. 334).

1.2 A função da literatura infanto-juvenil: um convite à viagem

Em sua produção literária destinada às crianças, Clarice consegue, com segurança, uma fórmula de atrair seu leitor mirim, de diverti-lo com os aspectos que vai descobrindo no mundo que vive à volta dele e, ao mesmo tempo, sugerir-lhe reflexões sobre coisas essenciais ao viver humano que podem frutificar mais tarde. Para expressar essa visão de uma Clarice formadora, utilizaremos as palavras de Lajolo e Zilberman (2006, p. 154):

Talvez o escritor infantil que primeiro e com mais empenho tenha trazido para a narrativa infantil os dilemas do narrador moderno seja Clarice Lispector. Suas obras para crianças abandonam a onisciência, ponto de vista tradicional da história infantil. Esse abandono permite o afloramento no texto de todas as hesitações do narrador e, como recurso narrativo, pode atenuar a assimetria que preside a emissão adulta e a recepção infantil de um livro para crianças.

Nessa produção infantil se confirma a autenticidade do espírito criador de Clarice a capacidade de conservar intacta, simultaneamente à maturidade intelectual e vivencial mais funda, toda a ingenuidade da infância, a capacidade de sonhar e acreditar nas coisas. Apesar de ter sido uma criatura profundamente sofrida provada até o fundo pela vida, Clarice Lispector manteve viva, até o fim, sua terna e amante ligação com os

outros, sua capacidade de acreditar e de amar de que estes livros destinados às crianças são uma prova eloquente.

Podemos afirmar que Clarice tem um enorme amor pela arte de escrever e da própria literatura infantil, certa vez em uma de suas entrevistas concebida em 1977, ao repórter Júlio Lerner, da TV Cultura, afirma que prefere escrever para crianças que para adultos. “*Quando me comunico com criança é fácil porque sou muito maternal.*”.

2. A literatura infantil: estágios psicológicos da criança

Diante de tudo o que já salientamos é conveniente frisar que a obra em estudo tem indicação para certo leitor. Visto que na obra *A Mulher que Matou os Peixes*, Clarice é a própria protagonista e para eximir-se do ‘crime’ conta várias histórias para o leitor mirim, histórias essas de animais que já possuiu. Cada uma nos traz certa sensibilidade, pois Clarice consegue tocar no mais íntimo da alma humana, seja o leitor infantil ou adulto.

Nessa mesma perspectiva, é importante também ressaltar que o público ideal para a leitura dessa obra encontra-se na faixa etária de 12/13 anos de idade (fase pela qual todos nós enquanto leitores perpassamos). Nelly Novaes quem nos propôs essa fase, para facilitar o ensino de literatura. Designamos esta fase, como a fase do *Leitor Crítico*, sabendo que o leitor tem um total domínio da leitura, da linguagem escrita, com uma enorme capacidade de reflexão em maior profundidade, uma vez que pode ir mais além ao texto e até atingir uma melhor percepção de visão-de-mundo.

Para mergulharmos nas obras de Clarice, é preciso sensibilidade e carisma, sobretudo, quando ela é a própria protagonista. Ela deixa bem claro isso, quando diz: *Essa mulher que matou os peixes infelizmente sou eu*. O verbo em primeira pessoa é constante, sendo o ponto crucial para afirmarmos isso, além do mais as histórias que conta são todas verídicas, pois Clarice afirma que não gosta de mentir, sobretudo para crianças.

Para fugir da culpa de ter matado os peixinhos, acaba tentando se explicar. Vejamos:

[...] juro a vocês que foi sem querer. Logo eu! que não tenho coragem de matar uma coisa viva! Até deixo de matar uma barata ou outra.

Dou minha palavra de honra que sou pessoa de confiança e meu coração é doce: perto de mim nunca deixo criança nem bicho sofrer.

[...] Estou com esperança de que, no fim do livro, vocês já me conheçam melhor e me dêem o perdão que eu peço a propósito da morte dos dois “vermelhinhos” – em casa chamávamos os peixinhos de “vermelhinhos”.

Então, podemos ver que ela a todo tempo tenta convencer de que é inocente e que são coisas que acontecem, por um simples descuido do dia a dia. No entrelaçar de suas histórias deixa a mensagem de que ama muito todos os animais e ainda para convencer o jovem leitor conta suas aventuras de dona.

Clarice, a mulher que matou os peixes, esboça seus sentimentos e afetos pelas crianças, quando inicia sua narrativa.

Vou contar antes umas coisas muito importantes para vocês não ficarem tristes com o meu crime. Se eu tivesse culpa, eu confessava a vocês, porque não minto para menino ou menina. Só minto às vezes para certo tipo de gente grande porque é o único jeito. Tem gente grande que é tão chata! Vocês não acham? Elas nem compreendem a alma de uma criança. Criança nunca é chata.

Barbosa nos expõe sua visão à cerca desta obra, quando afirma,

A mulher que matou os peixes, a autora consegue mergulhar no espaço do imaginário infantil, recriando a própria realidade através de uma voz narrativa que expressa as descobertas do autor, do narrador, do leitor e da própria linguagem, como se tudo tivesse vida própria nesse mundo de faz-de-conta. ‘Linguagem’ e ‘narrador’ assumem um papel de destaque na obra de Clarice, pois, esses dois elementos, essenciais na narrativa, figuraram como instrumentos do processo narrativo e reflexivo do ser e do fazer literário. (BARNOSA, 2008, p. 45)

Vale lembrar que a obra em discussão foi publicada em 1968 e que traz como enredo a intrigante confissão da narradora em revelar o descuido em relação ao alimento dos peixes de estimação de seu filho, ato esse que resultou na morte dos animais.

Na obra, como já foi frisado anteriormente, Clarice é o próprio narrador e fala em discurso direto, vejamos:

“Antes de começar, quero que vocês saibam que meu nome é Clarice. E vocês, como se chamam? Digam baixinho o nome de vocês e o meu coração vai ouvir.”

Esse método de diálogo ajuda bastante na proximidade entre leitor e autor, reciprocamente uma maneira de conquistar o pequeno leitor. A história é contada de forma natural, amigável e lúdica, aproximando-se assim do universo infantil.

2.1 Literatura e ensino – novas perspectivas e vários caminhos

Pensar em ensinar literatura é algo que requer muita sensibilidade e saber, e mais precisamente para ensiná-la às crianças. Um público até então incompreensível, sem muita capacidade crítica, logo requer um maior cuidado, cuidado este com as palavras e com o próprio ensinar. Como bem sabemos, Clarice mesmo escrevendo para crianças ainda tem uma linguagem cheia de significados e rebuscamento, e para nós leitores nos proporciona vários leques de conhecimento. Citemos o pensar do crítico Diniz (2003, p. 13), sobre os textos de Clarice Lispector, com o olhar e perspectiva voltados para o ensino,

a grande contribuição dos textos de Clarice Lispector está mesmo na escuta que dá ao mundo dos afetos, da imaginação, da criatividade; enfim, do desejo de criança. Ela parece nos dizer que além, muito além dos processos exatos da matemática e das regras corretas da boa gramática, existe o mundo dos afetos, que rompe com o mundo frio das palavras...

Nesse trecho quão importante são as obras de Lispector voltadas para o público infantil, levando este a se questionar, a refletir sobre a vida, sobre o mundo. Dão asas à imaginação, visto que lhes permitem também a provocar a dúvida, o incômodo de conhecer, tudo em prol de um pensar criativo e de uma boa formação.

Para formar bons leitores é preciso que as escolas ensinem boa literatura. Pois o ensino de literatura está sendo algo preocupante, algo desafiador para o mediador do conhecimento. O professor de Português. Tendo em vista os paradigmas da sociedade de que literatura infantil não é literatura, vejamos um pensar mais crítico sobre isso.

[...] “literatura infanto-juvenil”, nem sempre encarada como Literatura nos circuitos culturais que determinam “o literário” dos textos; outros tantos são

de autores “consagrados”, ou seja, representativos de cânones bem estabelecidos. Entretanto, em ambos os casos, a instância discursiva que lhes dá especificidade linguística e cultural ou está inteiramente elidida ou vem referida em meios a informações outras sobre o texto; muito raramente vem integrada à leitura e à exploração do texto. Assim, é possível fazer todo o ensino fundamental sem saber da missa literária a metade. No entanto, se ao menos parte dos textos que o aluno leu foram de boa qualidade, e, melhor ainda, se a sua leitura foi significativa, chegou a mobilizar chaves interpretativas efetivamente literárias e deu alguma atenção ao fato estético, é possível sair desse processo de escolarização com simpatia pela literatura e algumas referências de leitura indispensáveis ao leitor literário. (PAIVA; MARTINS; PAULINHO e VERSIANI (Orgs.). Egon de Oliveira, 2008, p. 149).

Portanto, deve haver uma maior exploração dos textos literários infantis nas escolas. Dando ênfase ao ensino dessa literatura e visando à aprendizagem e a formação leitora.

Partindo desse viés, o ensino de literatura deve seguir dois caminhos e/ou princípios indispensáveis para a construção do saber, foram pensados por Egon de Oliveira, em seu artigo “Literatura e livro didático no ensino médio: caminhos e ciladas na formação do leitor”. Vejamos: “garantir ao aluno uma efetiva *experiência de leitura* do texto literário; o outro é levar o leitor a defrontar-se com a radical *singularidade* do texto e, portanto, da escrita literária.” Além do mais, no que diz respeito às propostas de ensino de literatura é preciso dedicação e muita criatividade. Para alcançar esses objetivos é preciso formular propostas eficazes, bem como,

- ofereça ao aluno, acima de tudo, a oportunidade de conviver com um conjunto significativo de textos representativos do que a sua cultura considera como literários;
- convidar o aluno, por meio de uma abordagem adequada dos textos, a envolver-se em uma efetiva experiência de leitura;
- introduzir as questões teóricas apenas quando elas se fazem oportunas para auxiliar o leitor em sua experiência pessoal e direta com a singularidade dos textos. (PAIVA; MARTINS; PAULINHO e VERSIANI (Orgs.). Egon de Oliveira, 2008, p. 156).

Em síntese, essas são apenas algumas estratégias e propostas de ensino de literatura, porém em nosso despertar literário sempre é bom criar novas estratégias para o ensino. Para aprender novos conhecimentos faz-se fundamental inovar. Construir novos significados.

Outra metodologia para o ensino de literatura infanto-juvenil é fazer questionamentos aos pequenos leitores, pois nas palavras de Lajolo e Zilberman (2002, p. 155) “[...] a participação do leitor a quem o narrador se dirige com frequência, explicando o que narra e fazendo perguntas”, isso ajuda bastante para a sua formação, além de despertar o interesse pelo novo. Vale ressaltar que irá intrigá-lo a descobrir as respostas para tais questionamentos, conseqüentemente para isso acontecer é essencial que o professor se insira nessas novas descobertas e investigações junto ao aluno.

Considerações finais

Diante disso, concluímos que na obra *A Mulher que Matou os Peixes*, o narrador (Clarice) pede perdão pelo ‘crime’ cometido, deixando em aberto o desfecho para que o leitor julgue quanto a sua culpa ou inocência. O cerne da questão é que acaba sensibilizando o leitor com suas palavras de carinho e amor. Bem se sabe que, “o objeto da literatura a própria condição humana, e, [...] um conhecer do ser humano.” (TODOROV, 2009, p. 92-93).

Professor, crítico literário e ensaísta brasileiro Afrânio Coutinho, afirma que as obras literárias:

[...] é que nos elevam, nos dão o conhecimento do que é a vida, como deve ser vivida, e que prazer podemos tirar da literatura. (...) A literatura só vive e resiste pelos seus leitores, que retiram dela através dos tempos as sensações de estusias que ela pode proporcionar se bem fruída. (COUTINHO, 2004, p. 216).

Já o crítico e sociólogo Antonio Cândido, em “A literatura e a formação do homem”, explica o papel da literatura na formação do homem e na sociedade. Segundo ele a literatura desperta no leitor o interesse por elementos contextuais. O leitor é despertado a ver como o texto é formado a partir de um contexto, e ver “os problemas individuais e sociais que dão lastro às obras e as amaram ao mundo onde vivemos.” (CÂNDIDO, 1972, p. 77 e 79).

A autora tece o enredo em diferentes planos, e desperta a atenção do leitor com suas perguntas diretas, isso faz com que ocorra uma aproximação entre narrador e leitor. Vejamos.

“Vocês ficaram tristes com essa história? vou fazer um pedido a vocês: todas às vezes que vocês se sentirem solitários isto é, sozinhos, procurem uma pessoa grande que seja muito boa para crianças e que entenda às vezes um menino ou uma menina sofrendo...”.

E para finalizar, a narradora faz um apelo ao leitor mirim a perdoá-la: “Eu peço muito que vocês me desculpem. Dagora em diante nunca mais ficarei distraída. Vocês me perdoam?”.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Vânia Maria Castelo. A literatura de Clarice Lispector para criança: um convite à infância. Fortaleza, 2008.

BOSI, Alfredo. **Historia Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: 34ed. Cultrix.
CÂNDIDO, Antonio (1999). Remate de males. Campinas: Unicamp - Revista do Departamento de Teoria Literária.

_____. *Formação da literatura brasileira*. Momentos decisivos 1750 – 1880. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira**. 3ed. São Paulo: Quirion, 1988.

_____. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 17. ed. São Paulo: Global, 2004.

DINIS, Nilson Fernandes. **Pedagogia e literatura: crianças e bichos na literatura infantil de Clarice Lispector**. *Educar*, Curitiba, n. 21, p. 271 – 286, 2003. Editora UFPR. 01 – 16.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira. História & histórias*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2006. (Série Fundamentos)

LISPECTOR, Clarice. **A Mulher que Matou os Peixes**: Rocco, 1969.

_____. *Educar*, Curitiba, n. 21, p. 271 – 286. Editora UFPR. 01 – 16, 2003.

_____. **O Mistério do Coelho Pensante**: Rocco, 1967.

_____. **A Mulher que Matou os Peixes**: Rocco, 1969.

MARTINS, Aracy; PAIVA, Aparecida; PAULINO, Graça e VERSIANI, Zélia (Orgs.). **Leituras literárias: discursos transitivos. Coleção Literatura e Educação**. 1 reimp. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008.

MOISES, Massaud. **A Literatura Brasileira**. São Paulo: 30ed. Cultrix.

SÁ, Olga de. **A escritura de Clarice Lispector**. 2. ed. Petrópole: Vozes, 1979.

ZILBERMAN, Regina (1988). **A Leitura e o Ensino da Literatura**. São Paulo- Contexto.